

Entre Corpo e Moralidade Reiterativa: aspectos de uma relação viciada

Victor Excelsius

Palavras-Chave: corpo, mente, alma, espírito, desejo, volição, eros

Resumo

O espírito diz “não faças”, o corpo diz “faz, faz”, eis como se desencadeia uma lógica que bem pode ser entendida como patológica e que espelha a dificuldade da sociedade actual em o homem (e a mulher, obviamente, e derivados) em se encontrar consigo mesmo encontrando-se com o Outro. Esta relação pode parecer patológica, o homem, quando chega à cidade, procura um par, mas não encontra, logo, acaba por se refugiar na pornografia enquanto entretém, só que nem todo o homem tem a compostura para aguentar a desordem dos corpos, que se acaba por reflectir na vida real...

Argumento

1. A CIDADE ERRADA

Há um certa forma de política no nosso país que vem desde as universidades para o mundo real e está arreigada na mente de maior parte das pessoas, que é a lei de desenrasque, a falta de solidariedade para com o amigos e inimigos, obviamente e que no norte encontra outra configuração e quando falo do norte falo da França, obviamente. A civilização entrou em *clash* total, civilizacional, o homem passou a ter a felicidade ao seu dispor, contudo não sabe o que ela é, tem acesso a tudo, menos à felicidade, no entanto vive uma qualidade de vida que lhe permite dizer que é feliz. Só essa ideia, “ser feliz”, o incomoda, o homem quer ser bem sucedido, por isso o seu comportamento é tão ostentatório. A cultura é uma tortura, talvez para memória futura, talvez pelo momento, por isso, desde as artes às técnicas, o homem repete-se sem fim, num *ritornello* que assim o faz ilusoriamente feliz. Aqueles que estão nos conventos julgam ter a felicidade, ou seja, possuir a felicidade. Só que o ter não faz falta da felicidade, é um estado de espírito. Por outra via, aqueles que têm iates e mansões julgam ser felizes, quando essa felicidade, de mostrar aos outros o quanto são bons, magnanimamente e até artisticamente, é ilusória, mais uma vez, passageira, logo se vai.

Devemos então, considerar que o homem de hoje não é feliz, vai sendo feliz, vai apanhando uma migalha aqui e ali, um ponto aqui e ali e fingindo, fingindo que é para o outro ter inveja e eu sinto-me bem com a inveja dos outros, porque isso me faz sentir superior, mais “Chico-esperto”.

2. OUSAR O IMPOSSÍVEL

Assim, como conciliar antropologia e filosofia, conhecimento popular e saber erudito? Como conciliar sexo com religião? Talvez pensando que o sexo é importante, pois nos faz sentir vivos, há um olhar esganado de uns e desinteressado de outros, digamos que ao sexo nada é indiferente, tudo se aproveita e, nesse sentido, ele é fulcral na vida humana, desde os primórdios da civilização, pois está na base de tudo, desde a procriação àquilo que chamei de *jouissance*. Desde Marcuse a Bataille, de Deleuze a Baudrillard, o sexo passou a ser visto como algo de democrático, de acesso livre a todos, ou seja, palco de legitimação de um desejo primordial, o desejo de possuir. Talvez por isso, ao lado disso, se tenha incrementado a vida religiosa, negando o sexo, vivendo por oposição, no êxtase da negação do corpo. A Igreja esteve na frente de tudo isto e o seu poder é eunuco, digamos assim, sendo que há padres que dizem uma coisa e fazem outra...Padres sem filhos, abusadores...amantes da comida e endinheirados, enfim, modos de vida que se perpetuam nos nossos tempos.

Então, temos na nossa mesa, de um lado, o dilema carne-espírito, que se plantea em termos de sexo-religião e do outro a figura do homem bem sucedido, maquinal, máquina de fazer dinheiro e sucesso, no magma da turba anódina... Sim, perdeu-se o critério e aqueles que têm razão estão escondidos, à espera que a bolha rebente, que alguém atire um tiro para o ar, para que algo aconteça, uma revolução, uma revogação, nos termos marcusianos, do que é ser-se Homem...

Assim, as categorias de sujo/limpo percorrem toda a sociedade, todas as sociedades, ao longo da história, o seja, o preto e o cigano eram sujos, impuros, isso em termos de uma hegemonia branca, pura, como a

luminosidade dos astros, e que eles não mereciam, como os índios, ser considerados espécie humana, humanos *tout-court*....

3. MELHOR O IMPOSSÍVEL

Por isso, em termos sociais, convive o possível e o impossível, a felicidade e a in-felicidade, ou seja, duas modalidades do Ser, que a antropologia dá como não morais, ou seja, neutrais em termos do julgamento subjectivo do analista e morais em termos do juízo do teólogo, porque este visa em seu escopo escatológico construir a sociedade, reformulá-la, enquanto o filósofo apenas a questiona. Aqui julgo haver uma grande diferença entre antropologia e filosofia, na sua essência fundamental e até metodológica, enquanto o filósofo não sai de si, ou seja, a sua mente é o laboratório de uma qualquer indagação científica, o antropólogo quer mudar o mundo, construir, com seus ou meios alheios, resolver problemas humanos que têm que ver com relações sociais e seu intermédio com o ambiente, a natureza, até a ideia de Deus...

São assim dois extremos que se unem nas festividades, como no Natal, na Páscoa, na Passagem de ano e nas festividades de verão, pelas aldeias, pela raia, pela terra de saloios e mesmo no centro de Lisboa, desde o Corpo de Deus ao Santo António, em Lisboa e ao São João no Porto, e ao São Pedro em Braga, o país fica atravessado literalmente por uma onda de positivismo, muitos batem na estrada e até se matam e de alguma maneira se encontra o dito de Foucault de que “é preciso mudar (vulgo “defender”) a sociedade”. Porque é na falta, no vazio, na necessidade, que te encontras melhor com Deus e ainda que o teu espírito esteja desordenado e oscilante, prossegues, como numa corrida, a corrida que fizeste desde logo cedo para chegar ao âmago do ventre da tua mãe, ou seja, cada um por si e um por todos. Os antropólogos mostraram, desde cedo, que são os alquimistas da sociedade moderna, actual e até futura. Por isso devem colaborar com os homens da interrogação, os filósofos, tal como colaboram desde já com os historiadores, os geógrafos, os economistas e, claro, os sociólogos. As ciências sociais são um campo fascinante para mudança e melhoramento da vida social e é disso que

estamos falando, vida social, societal, como se queira, a articulação entre espaço público e espaço privado, as classes e estratificações, a moralidade (veja-se Viktor Frankl, em especial), os costumes, e aqui entra o Direito e a Jurisprudência, sem esquecer, claro, a psicologia...

4. HEGEL E HUSSERL

Depois, a lógica do senhor e do escravo e os fundamentos da religião, quando os teólogos defendem a sete chaves o que acontece no reino do espírito. O corpo, de resto, é como o jogo e bem que está mal considerado como veículo da lama, do espírito e da mente enquanto adequação a este mundo. Sim, somos todos extraterrestres em processo de identificação de um mundo que não pára de nos surpreender, o problema é que somos nós que temos isso dentro, a inteligência e o saber, a manifestação de um espírito que não fica *a la mano*, como dizia Heidegger, mas vai mais além, digo eu mesmo, a propósito de vários pretextos...porque a filosofia te dá satisfação e consciência de que estás vivos, como aliás também a antropologia.

Porque, no país onde os antropólogos e filósofos são de capelinha, ou seja, de tribo e trilha, fazer filosofia e antropologia por fora, correndo na linha 8, não é fácil, mas talvez sejam precisos estes heróis solitários para dar sentido àquilo que os “integrados” fazem, ou seja, são os apocalípticos que conferem legitimação aos integrados. Então, estamos num regime nocturno do conflito entre *empowerment* e *humillitas*, ou seja, para teres o reino dos céus, precisas de ser humilde, de te humilhares perante o teu senhor, mas para seres reconhecido e seguir as leis da natureza e do instinto, precisas de se *empowered*... Faca de dois gumes, sacudir a água do capote...

Neste sentido, vale a pena revisitar a lógica do argumento senhor-escravo adiantado por Hegel no prefácio à fenomenologia do Espírito, creio que nenhum filósofo pôr as coisas de maneira tão clara, e vidente e gratuita, talvez mesmo até nem sequer o próprio Marx com a sua luta de classes. O senhor é o Senhor dos católicos? Porque será problemático fazermos essa aliteração, esse confronto, essa conjunção? Husserl viu isto

muito mais fundo ao falar de uma fenomenologia da percepção quotidiana, e depois veio Merleau-Ponty e acabou com o resto. Na verdade, a nossa mente é uma floresta de símbolos, não só a floresta equatorial ou congolosa, se uns têm uma outros têm outra. Nós temos o Lince Ibérico.

5. TREMOR MIM-ÉTICO

Desde que li Michel Serres, em várias obras, a minha percepção da realidade aumentou, melhorou, como se tivesse uma sobreexcitação face ao que acontece, à fenomenologia da percepção. Tudo me parece estranho e ao mesmo tempo familiar, tudo faz sentido e o homem precisa dessa zona de vão, como sugeri, para não fazer sentido, para se direccionar a essa zona escura de dúvida e incerteza que o ajuda a ser ele mesmo herói, como numa corrida São Silvestre na Amadora ou em Elvas, só para dar um exemplo...

Porque, ao sucedendo no espectro da vida social, vais fazendo a tua vida, tomando vários papéis e ainda que muitos escritores o sejam só porque estão na zona de conforto e nem sequer curso algum tiraram, continuam a perpetuar-se em lógicas lascivas quando tu permaneces agarrado ao osso. Porque escritor é qualquer um, antropólogo nem todos e filósofo qualquer um¹...

¹ Lembro-me do livro de Peter Singer "Como Havemos de Viver" e do outro de Marc Augé "Porque Vivemos?". Quando quis, ser padre e intelectual, procurei por isso, sofri a bom sofrer pelo que haveria de ser e de certa maneira consegui, tenho a minha independência de espírito, o meu sentido crítico, a minha boa-disposição, o meu ardor de pensamento. A muitos, tudo lhes é dado, depois não apreciam as coisas boas e simples da vida, e mais adiante acabam por fazer porcaria...

6. ARDOR DE ASCESE²

Então, porque motivo, antropológico ou outro, o sexo aparece separado da religião, pelo menos do nosso ponto de vista? O cientista tem de explicar tudo, enquanto permanece só e sem dama, quanto todo o Deus tem a sua Chica...não é isto injusto? Precisamente aquele que garante o funcionamento do sistema é o mais desprezado, pelo escol dos doutores, por todos aqueles que pensam que podem comprar pessoas por dinheiro...

Se, portanto, temos uma “cambada” de cientistas sociais e filósofos nas universidades e alguns soltos pela opinião pública, independentes, porque o mundo não há-de ser um lugar melhor, mais feliz? É esta interrogação que deixo, para alguma reflexão, para a contestação de que a sociedade pode ser vista sob o ponto de vista científico, sem que isso signifique amoralidade ou imoralidade. É apenas um ponto de vista, ao lado dos outros, sendo que aquele do senso-comum é que fornece a matéria-prima para a teoria, sem a qual não podem laborar os académicos... Irónico, hã?

² No meu tempo de estudante, que ainda sou, de certa maneira, só era preciso ser-se licenciado para se ser professor, chamava-se nesse tempo de assistente. Hoje é preciso o doutoramento, para tudo e mais alguma coisa. Mas o doutoramento não é de pensamento livre, é preciso um orientador, além do mais, é preciso pagar propinas, frequentar, tudo o mais. Isto está na origem de uma certa ascese...Tenho feito ciência social e filosofia com apoio familiar, portanto, não do estado, e não tolero que nenhum cientista social ou filósofo fale comigo do alto, portanto, mereceria ter a tese aprovada e um lugar de professor convidado em qualquer universidade portuguesa... De certa maneira, a sociedade portuguesa não estava preparada para o que se fez nos anos noventa em termos de ciências sociais em Portugal, fundamentalmente no ISCTE. Claro que o CES, com Boaventura Sousa Santos, teve um papel charneira, ainda o tem hoje, julgo. Mas eles concentravam-se demasiado numa ala marxista, estritamente sociológica que, a meu ver, estava demasiado próxima do poder, os sociólogos sempre foram os teóricos da sociedade, aqueles que iriam mudar alguma coisa depois de analisar. Mas os antropólogos iam mais longe e, coisa boa e feliz, nunca interferiam no andar da sociedade. Por isso mesmo, o seu trabalho era bem mais sibilino, ainda que a maioria fosse uma cambada de preguiçosos e vaidosos, sem arriscarem nunca uma tirada subjectiva ou literária. Faziam ciência, mas aquilo não era sempre ciência, era embuste, tal como aquilo que os sociólogos faziam...

7. O PROFESSOR PARDAL

Perdeu-se a teoria, entre a floresta de enganos do meu espírito, vou andando, em vésperas de ano novo, prosseguindo nas minhas mais ou menos elucubrações sociológicas, ou seja, frontalmente, em meu nome e da sociedade em que existo, em que me afirmo e permaneço. Na realidade, a sociologia, além da antropologia, parece-me um embuste. Começa a pensar como um engenheiro ou arquitecto, mais ou menos paisagista. Aliás, a filosofia académica é toda ela um embuste, em nome da verborreia que por lá vai, pessoas que passam o tempo de suas vidas defendendo o seu modo de vida, que é convencer os outros que há uma razão metafísica para todo e qualquer fenómeno que aconteça, que seja a violação de uma rapariga nos Jardins do Campo Grande ou um jovem estudante de engenharia que se arma em terrorista. Mas...não dê mais, se não te aproveitaste, como os outros (da mama) não é agora que vai acontecer, diz o filósofo...

E em que medida entra aqui o professor Pardal? Como são as suas calças? Têm alças? São azuis ou brancas? Rui Zink talvez dissesse alguma coisa a este respeito ou mesmo o professor Caeiro, que até já faz teatro no CCB, vejam lá...Lily dizia-me que “os homens altos são estúpidos”, nunca percebi porque, sempre achei que os rechonchudos eram mafiosos sem emenda...Enfim, tudo vale em nome da escrita e do leitor³...

Depois, a melhor lição de filosofia que fui ouvindo nestes tempos que faço ciência social à minha custa, foi Os Cromos de Portugal, podem ver no Youtube, grandes lições fui aprendendo deste povo simples e trabalhador, mas pleno de sentido de oportunidade quanto ao que ao divertimento diz respeito. Nisto, são muito diferentes dos franceses.

³ Seja como for, segues concentrado em ti mesmo e perdes o passar da paisagem. Como em *Curvas Apertadas*, o meu primeiro livro de ficção. Ou devia dizer não-ficção?

8. SALADA RUSSA

É dito, por alguns autores, que o filósofo é um funcionário da humanidade (Scruton, entre outros). E o antropólogo? Funcionário do povo? Da natureza das coisas? De uma idiosincrasia que só ele sabe escrever, descrever, ainda que não tenha os suficientes recursos estilísticos? Também o filósofo tem a sua idiosincrasia. Mas ambos nada têm do autor de literatura. Ou poderemos cruzar tudo e mais alguma coisa, fazer uma salada russa, como diz o outro?

Por outro lado, não será o sexo a pior forma de agressão, pois realiza ou simula um acto primordial de reprodução, social e existencial? Nestas sociedades ocidentais, há uns caracteres que tenho apreciado e tenho vários em meu redor neste preciso momento em que escrevo. São o que eu chamo os tipos psíquicos, ou os “tipos de Lisboa”, que odeiam madrietas e parisienses, porque lhe têm inveja, é uma coisa de território, não sei bem, nunca explorei bem essa temática, até porque nunca senti medo deles, mesmo fisicamente ou até psiquicamente, sendo que todo o medo é antes de mais psíquico, diz Lorenz e várias obras e Vigotski também.

Aí, também na cidade, o mais primitivo da animalidade, se manifesta, ou seja, o macho que fornicava mas não quer que mais ninguém fornicar ao seu redor, ou seja, são questões primitivas, do âmbito da etologia, da biologia do comportamento, da antropologia, que eu sempre fui estudando nos meus cantos e recantos teóricos, com ou sem êxito, com ou sem popularidade...

Desviei-me entretanto do assunto. O corpo, portanto, está dividido da mente pela moral cristã, que pretende defender a ascensão do espírito antes do tempo, ou seja, no tempo do trabalho, do hodierno interesse, no tempo de vida, antes de morrer, sendo que depois de morrer não se sabe realmente o que acontecerá, porque, na verdade, estamos do lado de cá da vida, sendo que a vida se confunde com a morte, como o sagrado se confunde com o profano...

9. VITA HIPOCRITA

Hipócrates fundou a medicina. Mas, hoje em dia, como antes, dantes, Dantès, há outra forma de hipocrisia, a cultural, ou seja, eu vou reiterando uma relação corpo-espírito que está em mim mais ou menos viciada e tudo corre pelo melhor, é tácito, é cultural, ninguém morre. O problema é que morre. E ninguém se preocupa com isso, nem o Marcelo nem o Bombeiro Léo. Portanto, há grande hipocrisia na academia e na TV, são sempre os mesmo, no governo também há, são sempre os mesmos e há tipos a lutar contra tudo isto, como eu mesmo, como outros que andam por aí perdidos, sem ter onde desencantar ou despejar a sua teoria, no ICS não é de certeza. “Porta-te bem, menino, para não teres problemas”, ou seja, favorece os outros, não a ti mesmo, porque somos todos capitalistas mas somos muito solidários, sobretudo para com o irmão religioso que precisa de rezar para ter comida ao fim do dia e dormir com os anjos...

Porque as pessoas estão insatisfeitas, frustradas, eu sinto isso, vejo e oiço isso, já desistiram de lutar por um governo que lhes faz todas as vontades, ou seja, retira-lhes a capacidade e a vontade de lutar, por elas mesmas e pela sociedade. E isto é a pior coisa que se pode fazer, um político que vem e que diz que resolve todos os problemas, que retira ao concidadão, ao concidadão, o condão de lutar pelo seu destino. Implanta-se, então, a ideia de que não vale mais a penas, por isso, na divisão ou na ligação entre carne e espírito, uns vão para a Igreja outro vão para a casa da putaria. E é o regabofe geral. Quem, por outro lado, pode educar estes miúdos? Que valores poderá a escola neles instilar? Quando há uma cultura do facilitismo, do *deixa-andar*, da ofenda do próximo por um cisco insignificante no olho?

10. CORPO CORRUPTO

Portanto, temos o plano societal. A sociedade é o corpo, orgânico e mecânico. O corpo é o corpo, o espírito é o corpo. Tudo é corpo, tudo se traça e assimila, tudo se ofende, até as crianças, como a CMTV nos mostra pelas casas adentro todos os dias...

Na verdade, o que é o santo senão uma representação social (Goffman) da sociedade, mais, a ver, uma representação subjectiva do que é o social? Portanto, o corpo é santo, é um templo, diz a Igreja, portanto, deve ser usado “devidamente” em favor da sociedade, mas de quem? E quem é a sociedade? Sou eu e tu, e o outro e aqueloutro, mas a sociedade não somos todos nós e todos nós não somos Deus? Eis o erros de muitas pessoas, entre as quais muitos cientistas sociais e teólogos, para não falar de muitos filósofos, que se perpetuam em suas inúteis carreiras e não dizem a verdade ao povo, talvez porque não a sintam, de resto há também os programadores da televisão, que destinam aos olhos do espetador as coisa mais banais e estapafúrdias da vida quotidiana, de casais com miminhos, de gays afirmativos e ligados à moda, enfim, de gente que não interessa nem ao menino Jesus e que nunca há-de dar a volta...

Então, mais uma vez: porque vivemos? Uns procuram com afinco essa linha de investigação, apoiando-se nos mais diversos autores, outros são autores mas tão modestamente que ficam dependentes dos autores ingleses, americanos e franceses, para já não falar dos alemães, como o treinador de futebol do SLB...Sim, há uma cultura da condescendência em Portugal. Adoram-se os turistas, mas ninguém ousa falar com eles...na sua língua!...

E o que é feito da indústria? Há alguma indústria de cultura em Portugal? Tens o exemplo da Catalunha, mesmo aqui ao lado, um pouco acima...há alguma direcção neste país? EU, enquanto antropólogo, sinceramente, não vejo, nem no sentido moral nem no sentido social, apesar das estafas de palavreado de verborreia do Presidente...

CONCLUSÃO

A masturbação como argumento ontológico, eis a raiz da relação entre corpo e mente no contexto da religião, entre desejo e transcendência, ascetismos, ou seja, vocês têm os cargos, públicos, políticos, acadêmicos e servem-se das mulheres, vossas discípulas (e ainda se fala em direitos das mulheres), mas não querem que os outros façam o mesmo, ou não querem que os outros façam diferente, que é uma vida honesta, livre, simples e trabalhadora, porque de algum modo isso desafia e ameaça o vosso (corrupto) modo de vida? De quem falo? Das pessoas que fui encontrando no meu caminho, daquelas que leio no jornal e vejo na TV todos os dias. E oxalá eu nunca seja assim, mesmo que pague com mais solidão...

Lisboa, 32 de Dezembro de 2022